

A chegada dos Textor

O agrônomo Adolf Friedrich Textor, 54 anos, nascido na Silésia e herdeiro de uma fazenda na Pomerânia, partiu com a esposa Wilhelmine Johanna Richter Textor, 42



anos e os seis filhos: Ludwig Adolf Theodor, 19 anos; Emil Julius, 18; Carl, 11; Clara, 8; Malvine Johanna Henriette, 6; e a caçula Hedwig Anna Emilie, 4 anos, de Hamburg, na Alemanha, rumo ao Brasil. A outra filha, Ida Marie Textor, nascida em 1838, faleceu na infância. Não se sabe ao certo o motivo que o levou a emigrar, mas o filho mais velho, Theodor, sofria do coração e precisava ir para clima mais quente. Porém, este acabou falecendo na viagem e foi sepultado no mar, envolto em lençóis, com honras oficiais e bandeira a meio mastro. No vapor Vênus, com eles viajavam mais três famílias que também seguiam para Santa Cruz: Kliemann, Werlang e Neumann.

No dia 7 de setembro de 1851 ancoraram em Rio Grande, de onde rumaram para Porto Alegre, ao encontro do Ministro Sinimbu e de Muritiba. Ambos falavam alemão e cuidavam dos emigrantes. Destes, receberam gratuitamente terras nas colônias praticamente desconhecidas de Santa Cruz, provisoriamente administradas por João Martim Buff.

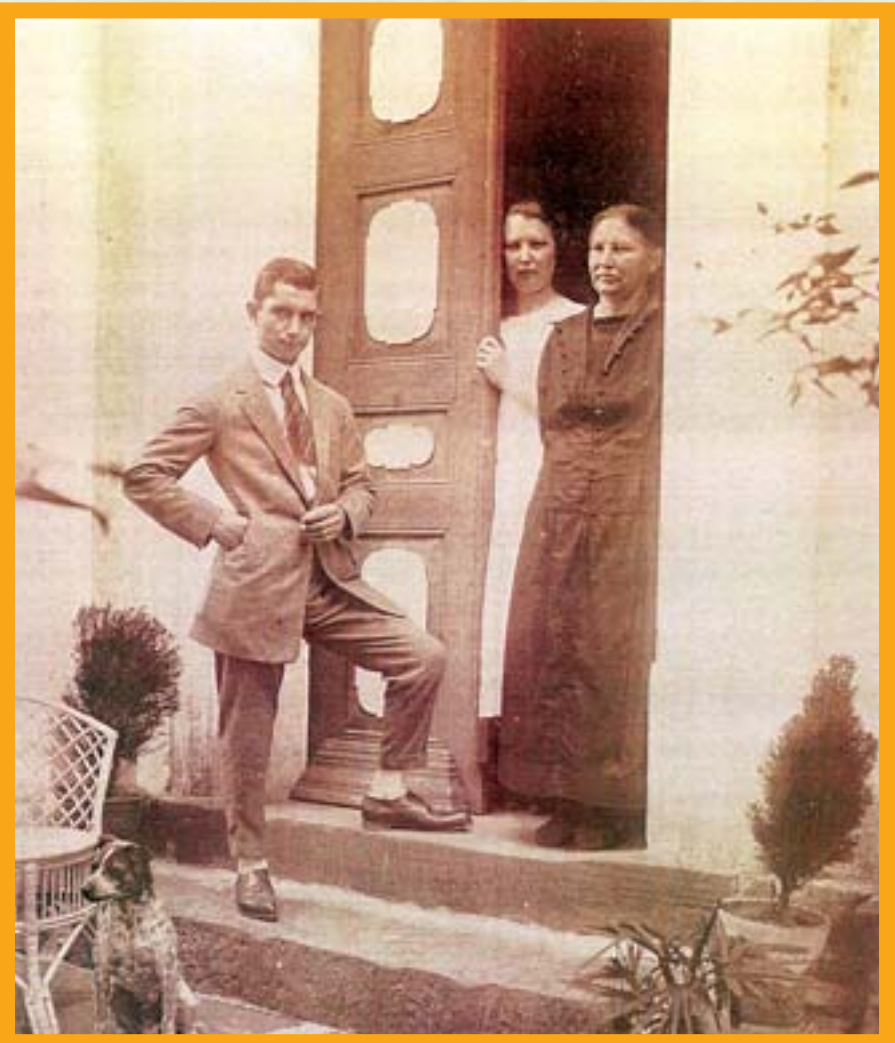
Na assim chamada "Picada Nova", perto de Sinimbu, ficavam as terras que Textor recebeu. Mas eram áreas inundáveis. Ele chegou a fazer uma roça e um rancho por lá, mas adoeceu e praticamente não cultivou as terras, pois já morava em Rio Pardo, onde tentava outra coisa. Mas como não falava português, não havia como manter algum negócio para sustentar uma família com cinco filhos. Acabou voltando a Porto Alegre, após grandes prejuízos financeiros. O governo da

época, liderado pelo Ministro Sinimbu, iniciava uma grande criação de ovelhas Merino e o secretário de Estado, o sr. Cidade, ofereceu a Textor a direção do empreendimento. O negócio prosperou, mas

após alguns anos, o governo descobriu que não sabia o que fazer com a lã e acabou com a criação. Foi então que seu genro, o agrimensor Barão Carl von Schwerin, marido da filha Clara, forçou Textor a se mudar para Santa Cruz, em 1864. Ele recebe a chácara "L", segundo a denominação dos lotes dada pela Intendência na época, uma faixa de terras no lado leste da pequena povoação.

Lá ele constrói uma casa para a família em 1870, ano em que sua filha caçula, Hedwig, se casa com o agrimensor Carlos Trein Filho. Por falar em casamentos, a família Textor logo se ampliou. O filho Emil casou com a também alemã Emma Emilie Mohring, com quem teve dez filhos: Ricardo Carlos Adolfo, Emil Heinrich Adolf, Germano, Friedrich Karl, Robert, Anna, Otília, Adolph, Emilia e Clara Textor. Foram morar em Jacuizinho, no Rio Grande do Sul. Seu primogênito Ricardo (ou Richard), residiu na casa dos avós mais tarde. Ele tinha um engenho, com serraria de madeira e descascador de arroz. Casou-se com Emilie Lisette Schütz, nascida em 1870, com quem teve quatro filhos: Hildegard, Oscar e Dorothea Maria Textor. Esta última casou-se com Arnaldo Eick, com quem teve três filhos: Jorge Ricardo, Rodolpho Oscar e Paulo Roberto Eick.

Dorothea morou na Casa Textor com Arnaldo e os filhos, junto com a vovó Emilie. Mais tarde, seu irmão Rodolpho também veio residir com a família, junto com a esposa Gerda e os filhos. Foram os últimos moradores da casa, antes da restauração.



Emilie Lisette Textor com os filhos Dorothea Maria e Oscar, na porta de casa



O aconchego da cozinha do passado, no fogão de barro e panelas de bronze



Namoradeira, cadeira de balanço e relógio cuco na sala de estar do casarão



No quarto do casal, berço do bebê e comadres sob a cama: fidelidade à época